



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 02/06/2023 a 08/06/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
02/06/2023	13,52	397,80	49,50	6,19	6,09
05/06/2023	13,50	401,20	49,26	6,24	5,97
06/06/2023	13,53	396,70	50,92	6,27	6,08
07/06/2023	13,60	405,20	50,47	6,16	6,04
08/06/2023	13,63	404,00	52,50	6,26	6,10
Média	13,56	400,98	50,53	6,22	6,06

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	121,50	
RS – Londrina	118,00	
PR – M.C.Rondon	118,00	
MT – C.N.Parecis	105,00	
MS – Maracaju	115,00	
GO - Rio Verde	110,00	
BA – L.E.Magalhães	114,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	58,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	51,00	
SC – Rio do Sul	47,00	
PR – M.C.Rondon	44,00	
PR – Londrina	44,00	
MT – C.N.Parecis	37,00	
MS – Maracaju	40,00	
SP – Itapetininga	50,00	
SP – Campinas	53,00	CIF
GO – Rio Verde	39,00	
GO – Jataí	S/C	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	64,00	
PR – Londrina	66,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 07/06/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 08/06/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	53,00	123,86	64,88

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
08/06/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	82,00
Feijão (saco 60 Kg)	246,20
Sorgo (saco 60 Kg)	41,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,35
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,82**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,03

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Abril/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

O mercado da soja, em Chicago, trabalhou esta semana na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado nesta sexta-feira (09). Com isso, as cotações subiram, com ajustes técnicos, sendo que o bushel da oleaginosa fechou a quinta-feira (08) em US\$ 13,63, contra US\$ 13,29 uma semana antes. A média de maio ficou em US\$ 13,85, ou seja, 6,9% abaixo da média de abril. Em maio do ano passado a média havia sido de US\$ 16,77/bushel. Ou seja, Chicago trabalha, hoje, para o primeiro mês cotado, com redução de três dólares por bushel em relação há um ano.

Nesta semana, vale destaque a forte recuperação do óleo de soja em Chicago, o qual fechou a quinta-feira (09) em 52,50 centavos de dólar por libra-peso, ganhando 13,6% em sete dias úteis.

O relatório USDA iremos comentar com detalhes no próximo boletim. Enquanto isso, o Departamento informou que 91% da área de soja, nos EUA, estava plantada até o dia 04/06, contra 76% na média histórica para a data. Do que está plantado, 74% já germinou, contra 56% na média histórica. Ou seja, por enquanto, a safra de soja estadunidense caminha muito bem. Naquela data, 62% das lavouras estavam em boas ou excelentes condições, contra uma expectativa do mercado em 65%; outros 31% estavam regulares e 7% em condições ruins ou muito ruins.

Por outro lado, as vendas de soja, pelos EUA, na semana encerrada em 01/06, somaram 123.400 toneladas, atingindo um total de 51 milhões de toneladas no atual ano comercial, contra mais de 59 milhões em igual momento do ano anterior. A estimativa é que o atual ano comercial feche com um volume exportado de 54,8 milhões de toneladas. Quanto ao farelo de soja, os EUA exportaram 405.400 toneladas na semana, ficando dentro das expectativas do mercado. Já em óleo de soja, foram 1.700 toneladas, sendo a maior parte direcionada ao Canadá.

Do lado da demanda, contrariando as informações de que a China estaria comprando menos soja neste ano, aquele país asiático apontou que, somente em maio, importou 12 milhões de toneladas de soja, com um aumento de 24% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Isso porque havia cargas atrasadas devido às inspeções alfandegárias mais rigorosas nos portos chineses, as quais entraram nas estatísticas no mês passado. Com isso, as importações do maior comprador mundial de soja subiram fortemente em relação ao volume de abril, que foi de 7,26 milhões de toneladas, que tinha ficado abaixo do esperado. Os atrasos nas importações em abril, devido ao atraso na colheita brasileira, resultaram em baixos estoques de soja na China, elevando o preço do farelo de soja. Agora, com a chegada de grãos em maio, os preços recuaram no país asiático, com o farelo de soja sendo vendido, no centro de esmagamento de Rizhao, com queda de quase 20% em maio. Espera-se, para junho, importações ainda maiores, ao redor de 13 milhões de toneladas, segundo traders chineses. Por um lado, as esmagadoras chinesas compraram a soja brasileira barata no início do ano, com a grande safra pressionando os preços futuros. Por outro lado, os baixos preços dos suínos, na China, nos últimos meses, estão prejudicando a demanda por farelo de soja, assim como grandes volumes de trigo barato que estão cada vez mais disponíveis para fabricantes de rações devido as enchentes que ocorreram na principal província produtora do cereal, deixando o mesmo na qualidade de ração e com preço bem mais barato. O trigo, tendo um pouco mais de proteína do que o milho, pode levar os

criadores chineses a comprarem menos farelo de soja. O total de chegadas de soja na China, nos primeiros cinco meses do ano, alcançou 42,3 milhões de toneladas, com um aumento de 11,2% em relação ao ano anterior, segundo a Administração Geral das Alfândegas da China. Esta realidade, positiva para os produtores mundiais de soja, deve causar preocupação por outro lado, pois nem mesmo com a China comprovando maiores compras as cotações em Chicago reagem.

E no Brasil, os preços médios estabilizaram nesta semana. No Rio Grande do Sul, a semana fechou em R\$ 123,86/saco, enquanto as principais praças locais negociaram o produto a R\$ 121,50/saco. Nas demais regiões brasileiras, os preços da soja oscilaram entre R\$ 105,00 e R\$ 118,00/saco, havendo maior liquidez no mercado nestes últimos dias, pois vendedores internos elevaram o volume ofertado. Mas em algumas regiões do país, a soja, no disponível, já estaria abaixo dos R\$ 100,00/saco. No ano passado, nesta mesma época, o preço médio da soja no Rio Grande do Sul foi de R\$ 179,48/saco, enquanto nas demais praças nacionais o mesmo oscilou entre R\$ 165,00 e R\$ 180,00/saco. Ou seja, nos últimos 12 meses a soja gaúcha perdeu 31% de seu valor, enquanto nas demais praças brasileiras a perda girou em torno de 34%.

Dito isso, a exportação de soja do Brasil, em junho, foi estimada em 13,1 milhões de toneladas, contra 14,5 milhões em maio, mês que foi marcado pelos maiores embarques do ano da oleaginosa no país. Em maio, o total embarcado aumentou 4,2 milhões de toneladas em relação ao mesmo período de 2022. Os volumes são crescentes neste ano, diante da safra recorde que o país obteve na última colheita. (cf. Cargonave)

Vale ainda destacar que o planejamento da nova safra 2023/24, por parte dos produtores brasileiros, será muito desafiador, diante do forte recuo nos preços internos. Mesmo com o importante recuo no preço dos fertilizantes e demais produtos químicos, este movimento pode ser insuficiente para estimular o produtor de soja a aumentar sua área ou até mesmo mantê-la. É a preocupação que surge no Mato Grosso, neste momento. Segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), as primeiras projeções dão conta de um recuo de 5,7% no Custo Operacional Efetivo (COE) da safra 2023/24, em relação a anterior. "A maior queda veio do custeio, que caiu 12,91% ante a safra 2022/23, puxado pelo recuo nos fertilizantes e corretivos (-21,28%) e semente (-20,51%). Esse cenário é reflexo da desvalorização nos preços dos insumos nos últimos meses, devido à menor demanda, cenário de oferta mais otimista no mercado externo e ao recuo mensal do dólar". Porém, no mesmo comentário, o Instituto indicou que a depreciação contínua das cotações da soja acaba estreitando o ponto de equilíbrio da atividade, levando-o a R\$ 109,83/saco, ou seja, 8,5% a mais do que na safra passada. O cenário é semelhante em outros Estados produtores e, por conta disso, algumas consultorias já acreditam que o Brasil poderia registrar uma diminuição de área nesta próxima temporada, pela primeira vez desde a safra 2000/01. Nos últimos 23 anos, a área brasileira cultivada com soja veio apresentando crescimento constante, com exceção da transição de 2000/01 para 2005/06 e 2005/06 para 2007, quando houve reduções de 2,4% e 9,1%, respectivamente. Assim, pela primeira vez em 17 anos, um novo decréscimo pode acontecer, depois de um aumento de 5,6% da safra 2021/22 para a de 2022/23. Como dito anteriormente, já há soja da safra atual e da 2024 sendo ofertada abaixo dos R\$ 100,00/saco. Portanto, o produtor de soja brasileiro terá que fazer um excelente cálculo de custos de produção em relação aos preços a serem recebidos, para tentar obter

uma margem aceitável na futura safra, pois a mesma se desenha muito delicada pelo lado econômico-financeiro. (cf. Pátria Agronegócios)

É quase uma certeza que haverá recuo nas margens de ganho dos produtores, mas isso, por outro lado, pode não levar os mesmos a reduzirem suas áreas de plantio, mesmo porque a alternativa, que seria o milho, igualmente está com preços em forte queda no país. Muita coisa irá depender do comportamento da nova safra dos EUA, especialmente em termos de clima. Em havendo frustração naquele país, Chicago deve reagir e melhorar as condições de preços no Brasil. Em julho a consultoria Safras & Mercado trará suas primeiras projeções de área de plantio da safra 2023/24 do Brasil. Pelo sim ou pelo não, o fato é que o produtor brasileiro terá mais dificuldade, dentro do atual quadro, em escolher entre soja e milho neste próximo ano 2023/24.

Enfim, ainda no Mato Grosso, o Imea calcula uma safra de soja de 43,8 milhões de toneladas em 2023/24, com um recuo de 3,4% sobre a registrada na última colheita, já que a produtividade média deverá ser menor. Esta nova safra será plantada a partir de setembro próximo, projetando-se um aumento de 0,82% na área, o que levaria a mesma para 12,2 milhões de hectares.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram um pouco nesta semana, voltando a superar os US\$ 6,00/bushel, na esteira da expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, a ser divulgado no dia 09/06 e que será comentado em detalhes em nosso próximo boletim.

Com isso, o fechamento desta quinta-feira (08) ficou em US\$ 6,10/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 5,92 uma semana antes. A média de maio fechou em US\$ 6,09/bushel, ou seja, igualmente 6,9% abaixo da média registrada em abril. Já em maio do ano passado, a média havia sido de US\$ 7,88/bushel. Ou seja, o bushel de milho, hoje, está US\$ 1,79 abaixo do valor médio obtido um ano antes.

Dito isso, o plantio do cereal, nos EUA, está praticamente concluído, tendo alcançado 96% da área até o dia 04/06, contra 91% na média histórica para a data. Do que está semeado, 85% já germinou, contra 77% na média histórica, confirmando um clima favorável até o momento. Mesmo assim, as lavouras em condições entre boas a excelentes recuaram para 64%, contra 73% um ano atrás nesta data. Outras 30% estavam em condições regulares e 6% em condições entre ruins a muito ruins. A redução no percentual entre boas a excelentes, e a expectativa do relatório de oferta e demanda, fez com que o mercado subisse um pouco nesta semana.

Por outro lado, as exportações de milho, por parte dos EUA, na safra 2022/23, atingiram a 186.700 toneladas na semana encerrada em 01/06, volume que ficou próximo do limite inferior esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial os EUA já exportaram 38,2 milhões de toneladas, contra mais de 59 milhões no mesmo período do ano anterior. Segundo o USDA, espera-se que as vendas de milho fechem o atual ano comercial em 45,1 milhões de toneladas. Portanto, bem aquém do registrado no ano anterior.

E no Brasil, o milho continua assistindo a uma baixa de preços. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 53,00/saco, enquanto as principais praças locais negociaram o produto a R\$ 51,00. Já no restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 37,00 e R\$ 50,00/saco. No ano passado, nesta mesma época, a média gaúcha era de R\$ 84,11/saco, enquanto nas demais praças nacionais o milho girava entre R\$ 68,00 e R\$ 85,00/saco. Ou seja, nos últimos 12 meses o preço do cereal, aos produtores gaúchos, recuou 37%, enquanto nas demais praças nacionais o recuo varia entre 41% e 46%.

A pressão de uma safrinha recorde continua influenciando sobre os preços internos. Neste sentido, até o dia 1º de junho, apenas 1% da mesma estava colhido, contra 3% no mesmo período do ano anterior. (cf. AgRural)

É no Mato Grosso que a mesma se desenvolve no momento. Segundo o Imea, a colheita de milho 2022/23 havia atingido 1,26% da área total até o dia 02/06. Segundo o Instituto, a safrinha de milho daquele Estado, com a colheita recém iniciada, deverá atingir a 49 milhões de toneladas, contra a previsão de 47 milhões feita em maio. Ou seja, um aumento de 11,7% em relação ao ano anterior. Isso se deve a um aumento na produtividade média esperada, em 4,2%, que levará a mesma para 110 sacos/hectare. Aumento de área semeada e clima positivo estão na base deste resultado esperado.

Enquanto isso, a Conab aponta que 83,2% da área total do milho de verão já foi colhida. Sobre a safrinha, a Companhia indica que a colheita ainda está lenta, nos níveis indicados anteriormente, sendo que 34,3% das lavouras estão em fase de maturação.

Enfim, segundo a EarthDaily Agro, empresa que realiza o monitoramento das lavouras por satélite, via sensoriamento remoto, o fenômeno climático El Niño já está atuando nas áreas de produção de milho da segunda safra. Nas áreas que semearam mais tardiamente, como Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo, as temperaturas mais altas diminuem a chance de geadas, que seria prejudicial para as lavouras, mas podem aumentar a evapotranspiração provocando a redução da umidade do solo. No Paraná, o índice de vegetação apresentou evolução muito ruim no ciclo atual, indicando comprometimento de produtividade em áreas das regiões leste e central do Estado. A seca registrada em março teve pouco impacto sobre as lavouras, uma vez que as plantações daquele Estado foram semeadas mais tarde neste ano, mas a seca ocorrida em maio parece ter limitado o potencial produtivo do milho. A deterioração do índice de vegetação nas últimas semanas reforça essa teoria. No entanto, o índice de vegetação permanece melhor, se comparado às safras de 2021 e 2020, quando houve forte quebra de safra nas duas regiões.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, melhoraram um pouco nesta semana, com o fechamento da quinta-feira (08) ficando em US\$ 6,26/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 6,10 uma semana antes. A média de maio ficou em US\$ 6,19/bushel, contra US\$ 6,66 em abril, o que representou um recuo de 7%. Para comparação, a média de maio do ano passado foi de US\$ 11,40/bushel. Ou seja, em um ano o bushel de trigo perdeu US\$ 5,21 de seu valor.

Enquanto isso, o mercado esperava o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado nesta sexta-feira (09), e que será, por nós, comentado no próximo boletim.

Dito isso, o trigo de inverno, nos EUA, no dia 05/06, apontava 4% da área colhida, ficando dentro da média histórica. Quanto às condições das demais lavouras deste trigo, 36% estavam entre boas a excelentes, 30% regulares e 34% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera registrava 93% da área semeada, ficando dentro da média histórica para a data, enquanto as condições deste trigo apresentavam 64% das lavouras entre boas a excelentes, 34% regulares e apenas 2% ruins.

E na Rússia, as previsões de exportação de trigo foram elevadas, devendo alcançar, em 2023/24, o volume de 45,7 milhões de toneladas, com alta de 2,7 milhões sobre a estimativa anterior. (cf. Sovecon via Reuters)

Já na China, diante das enchentes ocorridas na principal província produtora de trigo daquele país (Henan), há forte possibilidade de uma parcela significativa deste trigo ser destinada para ração animal ou até mesmo abandonada. Como já alertamos no comentário passado, este quadro, que estaria comprometendo 1/3 da safra total de trigo da China, tende levar a um aumento das importações chinesas de trigo, podendo elevar os preços internacionais do cereal nos próximos meses.

Além disso, existe a preocupação de que o fenômeno El Niño possa reduzir a produção da Austrália, grande exportador mundial, ao mesmo tempo em que a Ucrânia não recupera seu potencial de produção e exportação devido a continuidade da guerra com a Rússia.

Por aqui, o plantio da nova safra de trigo avança, tanto no sul do Brasil quanto na Argentina. Neste país, 6,3% da área havia sido plantada até o final de maio, enquanto no Brasil a mesma atinge perto de 40% nestes primeiros dias de junho.

Por enquanto, os preços do trigo estacionaram nas principais regiões produtoras brasileiras. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 64,88/saco, enquanto no Paraná o produto foi negociado a R\$ 66,00/saco. Um ano atrás, nesta época, o trigo gaúcho valia R\$ 110,40/saco, enquanto no Paraná o mesmo oscilava entre R\$ 106,00 e R\$ 110,00/saco. Ou seja, no Rio Grande do Sul o preço do cereal, nos últimos 12 meses, recuou 41,2%, enquanto no Paraná o recuo médio foi de 38,9%.

Nas diferentes regiões gaúchas de produção, até o final da semana passada, o plantio do trigo variava entre 10% e 35% da área esperada, devendo o Estado manter a área do ano passado. (cf. Emater) Porém, não se descarta um leve recuo na mesma devido as condições de preços e a tendência climática que se desenha com a chegada do El Niño. Já no Paraná, até o dia 05/06, o plantio atingia a 75% da área esperada, sendo que 95% das lavouras semeadas apresentavam boas condições e apenas 5% se encontravam em situação média. (cf. Deral)